



Secretaria de Estado da Educação

# CLIPPING

19 de novembro 2014



Veículo: Correio Lageano

Editoria: Opinião

Data: 19/11/2014

Assunto: Conae

Página: 20



## CORREIO LAGEANO

### Conae – Educação em discussão

GILBERTO SÁ \*

Ocorre de 19 a 24 de novembro, em Brasília, a 2ª Conferência Nacional de Educação (Conae 2014). Estarão 4 mil delegados, representando todos os Estados e os seguintes segmentos: professores, estudantes, gestores e pais dos alunos. Serão discutidos os rumos da educação de 2014 a 2024. O tema central será O Plano Nacional de Educação e sua relação com os sistemas Estaduais e Municipais de Ensino. Em discussão o regime de colaboração entre entes da federação.

Segundo o Aurélio, a educação pode ser definida como: "Ato ou efeito de educar (se). Processo de desenvolvimento da capacidade física, intelectual e moral da criança e do ser humano em geral, visando à melhor integração individual e social". Esta visão da educação é compartilhada pela Constituição Federal e pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação.

Para tanto, a Conae 2014, conforme seu Documento-Referência, deverá ser "um momento especial na história das políticas públicas do setor,

constituindo-se em espaço de deliberação e participação coletiva, envolvendo diferentes segmentos, setores e profissionais interessados na construção de políticas de Estado". Para alcançar esse objetivo, a Conae tem sete eixos temáticos: Plano Nacional de Educação; Diversidade, inclusão, direitos humanos; Educação, Trabalho e sustentabilidade; Qualidade da



Às vezes parece que ficamos só na discussão, sem avançar na velocidade desejada.

educação; Gestão democrática e controle social; Valorização dos profissionais da educação; e Financiamento.

É pertinente que o primeiro eixo seja sobre o Plano Nacional de Educação. O PNE terá vigência para os próximos dez anos. Outro eixo, o do financiamento, é crucial para o aprimoramento da educação pública e para o consequente avanço no desenvolvimento do país.

A Conae 2014 terá de exigir a destinação dos recursos do

fundo social do pré-sal, de todos os royalties e participação do petróleo e demais minerais para alcançar o patamar de investimento em educação pública na ordem de 10% do PIB na próxima década. O investimento deficitário na educação durante décadas tem contribuído para a perpetuação das desigualdades sociais e da desvalorização dos profissionais de educação.

Sendo assim, enquanto o Brasil ainda continua longe de alcançar os patamares de educação de países ditos mais desenvolvidos, e até por países vizinhos não tão desenvolvidos, às vezes parece que realmente ficamos só na discussão, sem avançar na velocidade desejada. Porém, sejamos esperançosos. A Conae certamente irá renovar os compromissos com uma educação pública de qualidade para todos.

\* Prof. universitário e consultor educacional

» Artigos podem ser enviados para [redacao@correiolageano.com.br](mailto:redacao@correiolageano.com.br) com assunto "Artigo do Leitor" e tamanho de 2.400 caracteres.



## SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

<b>Veículo:</b> Todos pela Educação	<b>Editoria:</b> Educação	<b>Data:</b> 19/11/2014
<b>Assunto:</b> Pobreza		<b>Página:</b> Online



### **MAIOR PARTE DOS JOVENS NO MUNDO NÃO TEM ACESSO À EDUCAÇÃO, MOSTRA RELATÓRIO DA ONU**

**Segundo os dados, mais de 500 milhões vivem abaixo da linha da pobreza**

Fonte: Estado de Minas Online

Nunca o mundo teve tantos jovens. Um levantamento inédito do Fundo de População das Nações Unidas (Unfpa), a ser divulgado hoje, mostra que eles são 1,8 bilhão de pessoas. Engrenagem do futuro global, contudo, parte dessa juventude está praticamente condenada. Conforme o relatório, 60% dessa parcela não tem acesso à educação e, conseqüentemente, ao mercado de trabalho. Pior: mais de 500 milhões lutam para viver com menos de US\$ 2 por dia, abaixo da linha de pobreza considerada pela Organização das Nações Unidas (ONU).

O Brasil ocupa o sétimo lugar no ranking de países com maior número de jovens, 51 milhões. As primeiras posições são ocupadas por Índia (356 milhões) e China (269 milhões). Os entraves educacionais e culturais vividos pela juventude atual têm um “profundo efeito”, segundo o relatório, no futuro global. Com os investimentos certos, esses jovens podem representar uma oportunidade ímpar para “um crescimento econômico rápido e estabilidade”.

A pesquisa aponta a educação de qualidade como a maior prioridade – tanto para países ricos quanto para países pobres – em uma agenda de desenvolvimento mundial para os próximos 15 anos. Outras iniciativas estratégicas são necessárias, aponta o relatório, para que esses jovens se tornem adultos em um mundo com melhores indicadores econômicos e sociais: saúde, educação social, empoderamento feminino, e “uma vida livre de violência e discriminação” são alguns dos fatores citados.

O fundo considera que países como o Brasil e o México têm dado passos importantes nesse sentido por meio dos programas de transferência de renda. As experiências nos dois países têm dado credibilidade a esse tipo de iniciativa, à medida que a transferência de renda tem o poder de “alterar uma variedade de comportamentos” como, por exemplo, a redução do casamento e gravidez na adolescência.



## SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Nos países em desenvolvimento, uma em três garotas se casa antes dos 18 anos, “ameaçando sua saúde, educação e futuro”. Esse tipo de comportamento tem impacto direto na economia. Um estudo do Banco Mundial mostra que a gravidez na adolescência, baseado na renda projetada para a mãe da criança, pode variar de um impacto de 1% no Produto Interno Bruto (PIB) da China até 30% no crescimento anual de Uganda, na África.

### Mudanças

Para o professor de economia da pobreza da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) Flávio Comim, além de desperdiçar uma oportunidade de crescimento, caso os países não aproveitem o momento correto para dar voz à juventude, a situação atual dos jovens pode se transformar em uma bomba relógio. Caso persistam os indicadores atuais, cada vez mais restrição de mão de obra e profissionais de baixa qualidade estarão presentes no mercado. Além disso, há o risco do aumento do tráfico e da violência.

O especialista explicou que o desenvolvimento cognitivo das crianças se estabiliza aos 10 anos e a capacidade de falar uma língua estrangeira com grande facilidade diminui aos 12. O professor da UFRGS detalhou que o Brasil investe em programas nos quais o jovem estão no fim do processo de formação e a eficiência do gasto é baixo. “O que resolve é uma boa formação na educação básica.”



## SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

<b>Veículo:</b> Todos pela Educação	<b>Editoria:</b> Educação	<b>Data:</b> 19/11/2014
<b>Assunto:</b> Educação Sexual		<b>Página:</b> Online



### EDUCAÇÃO SEXUAL PODE EVITAR DOENÇAS

**No ano que vem, o Ministério da Educação fará uma consulta pública para discutir alterações no currículo**

Fonte: Jornal da Câmara (DF)

Trabalhar a sexualidade de forma interdisciplinar nas Escolas, respeitando as diferenças entre as regiões do País e buscando adequar a linguagem ao entendimento dos jovens é o que o governo vem tentando fazer como forma de prevenção de doenças sexualmente transmissíveis (DST) entre adolescentes.

O assunto foi discutido na Comissão de Educação e contou com a participação de representantes do governo e dos médicos. A audiência foi sugerida pelo deputado Ariosto Holanda (Pros-CE), preocupado com estatísticas que apontam maior incidência de contágio de DST durante a adolescência. Segundo dados do Ministério da Saúde, na faixa etária de 15 a 19 anos, a taxa de detecção de HIV entre os homens é de 6,2 casos para cada 100 mil habitantes e de 5,1 entre as mulheres. A taxa de detecção geral, entre a população brasileira, é de 20 casos para cada 100 mil habitantes.

Antônio de Moraes Júnior, da Sociedade Brasileira de Urologia, defendeu a criação de uma disciplina para tratar de sexualidade nas Escolas brasileiras. A sexualidade, disse o médico, inicia-se no nascimento e não tem a ver somente com a atividade sexual, mas o assunto ainda é tabu no Brasil. “Pergunto se seria possível abordar no Ensino assuntos como atividade sexual, uso de preservativo, gravidez precoce.

Atualmente, 1/4 das DST ocorre em pessoas com menos de 25 anos de idade. Dos pacientes com HIV, 2/3 foram contaminados ainda na adolescência”, observou. Clarice Traversini, da Secretaria de Educação básica do Ministério da Educação, disse que o órgão vem desenvolvendo metodologias, em especial na Educação integral, para que os jovens transformem a informação em cuidado consigo mesmo. Segundo Clarice, atualmente três mil Escolas abordam o assunto.

Consulta- A partir de 2015, o tema sexualidade também será discutido em consulta pública sobre a base nacional comum curricular. O MEC quer saber quais conhecimentos incluir no currículo, se Educação sexual ou se diversidade, por



## SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

exemplo. “A juventude hoje tem muito mais informação e mais contato com diversos mundos mais cedo”, disse a diretora. Daí a necessidade de rever metodologias e a forma de comunicação com os jovens, segundo ela.

A diretora-adjunta do Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais do Ministério da Saúde, Adele Benzaken, disse que as ações entre as áreas de saúde e de Educação devem ser integradas. O ministério, segundo ela, vem buscando adaptar sua linguagem para atingir os jovens também nas redes sociais.



## SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

<b>Veículo:</b> Todos pela Educação	<b>Editoria:</b> Educação	<b>Data:</b> 19/11/2014
<b>Assunto:</b> Opinião	<b>Página:</b> Online	



### **PROFESSOR: LIMIAR ENTRE REPASSAR CONHECIMENTO E EDUCAR PARA VIDA**

**Nova função, cobrança multidisciplinar e poucas ferramentas preocupam o docente, narrador desta história**

Fonte: Diário do Nordeste (CE)

Grande parte da cidade ainda dorme, quando deixo o portão de casa com passos apressados e escorrego o corpo ainda sonolento até a parada de ônibus. Meus dias, em geral, são longos: três turnos de trabalho em escolas que ficam em pontas diferentes da cidade. Foi assim, na correria de uma aula pra outra dentro do transporte coletivo, que me acostumei a cortar Fortaleza mais de uma vez no mesmo dia.

A sensação é de que estou 24 horas a mil. Como vou conseguir conciliar a tarefa de transmitir o conteúdo a uma outra demanda que agora, dentre tantos tipos de violência na escola, vêm surgindo silenciosa pra recair sobre meus ombros? Como eu, professora de dezenas de alunos por turma, vou dar conta de assumir também um papel que deveria ser dos pais? Que critérios devo escolher para educá-los para a vida?

Das palestras com especialistas e pesquisas que li sobre o assunto, tenho como dever incorporar também o papel de ser mãe de meus alunos. Como se a exigência da minha entrega já não fosse tanta, escuto com frequência a própria família me cobrar resultados. Outro dia, chamei a avó de um aluno cuja indisciplina já prejudicava toda a sala. Mal expus o problema, ela foi dizendo: "Não sei o que fazer com esse menino mais não. Se você quiser, que dê seu jeito". Mas como, se um simples pedido de silêncio na hora da aula já é motivo para acionar um gatilho de ameaças?

Não bastassem as horas exaustivas de trabalho, preciso ajudar os meus alunos a aprenderem a solucionar seus próprios conflitos sem nem sequer ser apresentada às possíveis ferramentas. O negócio é experimentar. E assim vamos dando vários tiros no escuro na esperança de acertar um.

Um colega, por exemplo, decidiu criar um jogo, distribuindo cartões verdes por atitude positiva e vermelhos quando se quebra as regras ou precisa se ausentar da sala durante a aula. Cada aluno tem direito a três vermelhos para as necessidades. Se perder o quarto, corre o risco de ser suspenso. Um deles cochichou baixinho para o professor



## SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

que precisava ir ao banheiro, mas já havia perdido todos os seus cartões. Nesse momento, meu colega descobriu: é preciso quebrar as regras quando não são boas.

O problema é que, na dificuldade de manter autoridade e respeito perante o aluno, acabamos gastando mais tempo com convenções do que com as questões verdadeiramente morais.

Uma professora do Fundamental II me contou que reclamou com uma aluna porque ela estava usando caneta vermelha na tarefa, mesmo depois de ela ter dito que só poderia usar a azul. A menina insistiu uma, duas, três vezes. Ela tomou a caneta e mandou chamar a mãe. Na conversa, a mãe questionou: "Mas por que proibir a caneta vermelha?" Minha colega respondeu: "Eu já não tenho mais autoridade aqui por causa desse tipo de aceitação".

Fiquei pensando em que tipos de conflitos vale a pena gastarmos tempo. Na escola em que outro colega trabalha, os meninos do Ensino Fundamental estavam tendo seus lanches tomados pelos alunos do Ensino Médio. A solução encontrada na escola foi deixar os menores lanchando dentro da sala de aula para garantir-lhes o direito de comer. Na hora, achei uma ideia eficaz. Mas agora, pensando melhor, creio que foi apenas o caminho mais rápido.

Vale a pena, constatei na correria do meu dia, me preocupar com conflitos que envolvem intolerância. Preciso encontrar formas de fazer meu aluno reconhecer os valores morais. Só assim eles vão conseguir resolver conflitos maiores: quando passarem a solucionar os problemas menores do seu cotidiano.

A grande questão sou eu, praticamente só, ter que dar conta disso tudo. Alguns projetos sociais nos auxiliam na escola, mas os vejo pontuais demais para melhores resultados. Às vezes, acho que o que falta mesmo é um grande grito por socorro contra as violências desproporcionais que vemos diariamente. Que se exija menos que o professor seja também pai e psicólogo e que lhes dê ferramentas e estrutura para seguir a vocação de educar.

### Vocação e amor para ensinar

A professora de cabelos vermelhos desce os batentes do pátio chamando atenção. "Professora Magna", chama um menino que assistia a um jogo de futebol na quadra. "Agora não dá, amor. Tenho que ir ali conversar com esse pessoal do jornal", ela diz, sorrindo. Depois sai apressada - o perfume ficando um pouco mais no corredor - para pegar a chave do laboratório de ciências. "É que os meninos estão disputando campeonato de futebol. Tá todo mundo animado", explica Magna Lup Crispim, enquanto acomoda os óculos escuros sobre a cabeça.

Recentemente, presenteou os alunos com a bola que agora rola pela quadra de piso vermelho. "Você não sabe como uma bola prende os alunos na escola! O negócio é que só dura dois meses, aí os professores tão sempre comprando outra". A revolução que a simples bola faz no cotidiano desses meninos é a mesma que toma a professora.





## SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Entre os alunos, o que se comenta é que ela é uma das mais respeitadas. Divide a fama de durona com a de amiga. Não é raro receber a ligação de algum deles querendo uma conversa ou um conselho. "Eu acho que eles me respeitam porque sou muito envolvida com eles. Sou tão eles, sabe? Dentro de mim, tem uma revolução", diz.

A sobrecarga de trabalho nos três turnos e as violências que já viu dentro e fora das várias escolas em que trabalhou instigam a missão que abraçou para si: tentar melhorar o mundo para o seu aluno imerso em vulnerabilidade. Sem negar a culpa do sistema, ela sabe, tem coisa que também depende dela.

"É difícil, quando tem um aluno que tá roubando e tá matando, você sentir que muitas vezes o professor não está mais vendo aquele menino como aluno. Está vendo como qualquer um vê lá fora, entendeu? Como marginal. Meu aluno que está roubando, pra mim, não é um ladrão qualquer. É meu aluno errado. Não aprendi a separar, me desespero quando perco um", ela diz.

Na carreira de professora, precisou aprender a lidar com as perdas enquanto se empenhava no árduo trabalho de salvá-los pelo conhecimento. Uma pergunta lhe martela a cabeça todos os dias: O que fazer para ajudá-los? Enquanto busca respostas, perde mais um e se devasta. Não é raro ouvir de alguém: "Como é que você pode chorar por uma pessoa que tá matando?". A estranheza, porém, é dela. "Eu penso é no porquê de ele estar naquela situação e na minha falta de forças para ajudá-lo", responde.

Violência maior pra ela, que divide a vida e as histórias de suas tatuagens com meninos de diversas turmas, é toda a estrutura negada ao aluno: em casa e na escola. Violência é mal ter como se salvar.

### Bastidores

Visão do docente para refletir suas posturas

O professor vira narrador deste capítulo para contar estratégias e preocupações expostas por dez docentes ouvidos durante a apuração da reportagem. A escolha do arquétipo como protagonista é uma forma de preservar-lhes a identidade, evitando problemas com alunos e direção das escolas em que trabalham, sem deixar de contar o real cotidiano deles.



## SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

<b>Veículo:</b> Todos pela Educação	<b>Editoria:</b> Educação	<b>Data:</b> 19/11/2014
<b>Assunto:</b> Prova Brasil		<b>Página:</b> Online



### OPINIÃO: ONDE ESTÃO OS RESULTADOS DA PROVA BRASIL?

**"Como perguntar não ofende, cabe indagar: onde estão os resultados da Prova Brasil? Com eles, saberemos se a Educação melhorou no país", questiona João Batista Araújo e Oliveira**

Fonte: Folha de S.Paulo (SP)

Primeiro foi o Ipea, com a barbearagem na pesquisa a respeito da violência sexual. Em seguida o IBGE, com os dados da PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios). Será que o Inep (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas) também vai entrar nessa? Como perguntar não ofende, cabe indagar: onde estão os resultados da Prova Brasil?

Ipea, IBGE e Inep são instituições respeitadas, que precisam ser preservadas da manipulação política. A pronta reação do Ipea e do IBGE confirmam a sua merecida reputação: onde há procedimentos sistemáticos, é fácil e rápido identificar e corrigir erros. E não há nenhum problema em reconhecer erros, isso é prova de maturidade.

Mas o Inep dá sinais de hesitação. Foi preciso a imprensa cobrar para que saíssem os resultados do Inep, que titubeou e acabou por dizer que não havia data para divulgação. Isso já demonstra fragilidade institucional.

Depois, deu a desculpa esfarrapada de que havia mais de 300 escolas com recursos. Ninguém explicou o que esses dados foram fazer na Casa Civil, antes de sua divulgação. Até agora, não temos os dados da Prova Brasil, mas apenas os do Ideb (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica). Isso é muito grave.

O Ideb é um índice controverso, apesar de sua popularidade. Mas ainda que não o fosse, o que interessa não é o Ideb, mas os dados que lhe dão origem, as notas dos alunos na Prova Brasil. São esses dados que permitiriam discutir se a educação melhorou e para quem melhorou. Tais resultados são os que interessam aos sistemas de ensino, aos pesquisadores e à população.

É a primeira vez que o Inep divulga o Ideb sem divulgar as notas da Prova Brasil. É um precedente não explicado e perigoso, e mais perigoso ainda porque não há prazos e normas a respeito da divulgação.



## SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Além do precedente, a discussão se desloca do conteúdo, do que foi ou não aprendido pelos alunos, para um índice que pouco diz sobre eventuais avanços ou dificuldades de aprendizagem --o que deveria ser o objetivo da avaliação.

Com base nos dados de 1999, 2007 e 2011, observamos melhoria nas médias do 5º e 9º anos, mas tais avanços se distribuem muito desigualmente. Os dados indicam melhora geral no desempenho, mas também aumento da desigualdade.

O que melhorou na educação não conseguimos saber, mas identificamos que as pessoas de classes mais elevadas estão se beneficiando mais da experiência escolar e a distância vai aumentando.

Em recentes portarias, o Inep deu passos à frente e outros atrás. Avançou ao estabelecer datas para divulgar os dados da Provinha Brasil, mas retrocedeu ao cancelar a edição de uma prova cuja concepção é reconhecidamente equivocada.

Avançou ao falar em pesquisas de interesse do Estado (e não do governo) ou ao estabelecer critérios para acesso de pesquisadores aos microdados das provas, mas deu um perigoso passo atrás ao subordinar o acesso à decisão de burocratas.

Para não colocar apenas o Inep na berlinda, vale a pergunta. Se fossem os dados do Enem que estivessem retidos, a sociedade teria agido de forma diferente? E a imprensa? Não é curioso esse Brasil, dos brioques do vestibular e das migalhas do resto do povo?

JOÃO BATISTA ARAUJO E OLIVEIRA, 67, doutor em educação, é presidente do Instituto Alfa e Beto



## SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

<b>Veículo:</b> Todos pela Educação	<b>Editoria:</b> Educação	<b>Data:</b> 19/11/2014
<b>Assunto:</b> Opinião		<b>Página:</b> Online



### OPINIÃO: PARTICULARIDADES

**"Se antes as crianças amargavam broncas ou castigos por desobediência, hoje é por notas baixas ", afirma Rosely Sayão**

Fonte: Folha de S.Paulo (SP)

Uma leitora me contou uma história interessante, que despertou a minha curiosidade. Na vizinhança onde ela mora, há uma professora particular 24 horas. A qualquer hora e a qualquer dia, há pais que levam seus filhos para ter aulas com ela.

Os filhos chegam devidamente munidos com material escolar e ainda levam de brinde a cara feia e a briga com os pais, que ficam dentro do carro. Nem o domingo é respeitado: ela já testemunhou um carro deixando um garoto lá, nesse dia de descanso, perto das 22h!

Para saber se esse era um caso isolado ou se já é um fato que começa a se tornar frequente, investiguei o assunto com diversas pessoas. E, para minha surpresa, descobri que há muitos professores particulares que fazem isso na própria casa, na do aluno ou por Skype.

Mas vamos lá: não há novidade alguma na existência de professores particulares. Muitas décadas atrás, alunos de famílias com posses já usavam esse tipo de serviço, que, em geral, provocava vergonha e constrangimento ao estudante que precisava de um acompanhamento específico e exclusivo para conseguir dar conta da vida escolar.

Por isso, quase ninguém comentava o assunto, e os próprios docentes nem sequer anunciavam o que faziam, porque ou isso era um favor que prestavam a alguém conhecido ou um "bico" que faziam em horas de aperto financeiro.

Esse panorama mudou muito: o mercado de aulas particulares, reforço escolar ou coisa semelhante cresceu bastante. Deve ser rentável, pois hoje existem até franquias desse tipo de serviço, o que significa profissionalização. Encontrei excelentes professores, de todos os níveis, que fazem isso exclusivamente e outros que lecionam em uma escola por meio período e, no outro, dão aulas particulares.



## SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

O valor cobrado por esses trabalho varia bastante: conversei com bons professores que cobram R\$ 30 a hora-aula, e pais que já pagaram R\$ 200. As variações seguem um padrão curioso: quanto mais novo o aluno, menor o valor cobrado; quanto mais velho, mais a família pagará pelas aulas particulares. Faça as contas, caro leitor, do peso disso no orçamento familiar.

Para a criança e para o jovem, ter acesso a esse serviço não é mais motivo de vergonha, e sim de orgulho. Uma professora me contou que, ao chamar a atenção de um aluno e dizer que ele precisava focar no trabalho em aula, ele respondeu que não precisava fazer isso porque seu professor particular já havia explicado aquilo tudo a ele.

Qual é a razão do crescimento fantástico dessa fatia de mercado? Resposta fácil: de algumas décadas para cá, muitas famílias ficaram verdadeiramente obcecadas com o rendimento escolar dos filhos. Se antes esses amargavam broncas homéricas e castigos severos por desobediência aos pais ou parentes adultos, hoje é por notas baixas.

Uma coisa nessa história toda eu não consigo entender: por que os pais não acham estranho ter de recorrer a professores particulares para que o filho dê conta da escola?

Não vale a resposta "meu filho não consegue acompanhar o ritmo dos outros alunos", porque é muito grande o número de crianças e jovens usando --e abusando-- desse serviço. Há algo muito errado no reino da educação escolar e na relação das famílias com essa questão, você não acha? Precisamos pensar melhor a respeito disso!